

TÍTULO: DE REPENTE EM REPENTE: HISTÓRIAS DA NOSSA GENTE

AUTORES: Maria Eunice Pitanga Vicentini (UFRN/DEPED - PROEX/PAS)

ÁREA TEMÁTICA: educação

A educação acompanha o indivíduo por toda a sua vida, pelo menos em sua função assistemática e informal. Educar é construir significados em interação e, por isso, o ato de aprender está relacionado ao ato de educar e aos contextos em que ocorrem. Em nossa nação a educação formal, sistemática, escolar propriamente dita não foi assegurada às populações, principalmente das camadas populares deixando-as alijadas do acesso ao saber sistemático construído historicamente pela humanidade.

A educação de jovens e adultos, ao longo das décadas vem sofrendo mudanças significativas como podemos observar a partir da revolução de 30, quando as mudanças políticas e econômicas permitiram, o início da consolidação de um sistema público de educação elementar no país, ocorrendo conseqüentemente, experiências significativas na área. A demanda provocada pelo processo de urbanização e industrialização exigia a ampliação da escolarização de jovens e adultos.

A década de 40 pode ser considerada como o período áureo para a educação de adultos. Neste período aconteceram inúmeras iniciativas políticas e pedagógicas de grande importância tais como: a regulamentação do Fundo Nacional do Ensino Primário – FNEP; lançamento da CEAA – Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos; 1º Congresso Nacional de Educação de Adultos realizado em 1947 e o Seminário Interamericano de Educação de Adultos em 1949.

Do final da década de 50 até os meados de 60 o país vive um fervor no campo da educação de adulto. No ano 1958, ocorreu um evento que veio a se constituir um marco histórico para a área, o II Congresso Nacional de Educação de Adultos. Pode-se afirmar que, a partir do congresso e de toda mobilização ocorrida durante esse final de década, a alfabetização de adultos passa a dispor de um conjunto de idéias e indicações práticas, isso porque Paulo Freire só formula suas reflexões teoricamente na segunda metade da década

de 60, durante o exílio, no final da década de 70. Quando chegam ao Brasil as formulações teóricas de Freire, os educadores passam a definir propostas pedagógicas norteadas por fundamentos teóricos metodológicos, até então inexistentes na, e para a área.

No período compreendido entre o final dos anos 80 e início dos anos 90, a partir da disseminação do pensamento/modelo neoliberal, a educação de jovens e adultos é vista como uma iniciativa muito cara, considerada um gasto sem retorno para o sistema produtivo. O máximo que o poder público, no âmbito federal, vem realizando é a promoção de campanhas de curto prazo, onde estão envolvidos vários segmentos da sociedade e realizando parcerias com entidades não governamentais. Nesse contexto, contraditoriamente estudos apontam para a necessidade de que a EJA¹ constituísse uma política específica, pensada e planejada em função do universo do jovem e do adulto. Neste momento, se fazia necessário que houvesse transformações na educação básica para jovens e adultos, estendendo-se a alfabetização. Nesse contexto a alfabetização tem seu conceito ampliado para a capacidade de leitura e escrita com sentido e significado.

Ainda assim os dados sobre o analfabetismo divulgados pelo IBGE² são bastante significativos. No ano de 1996, havia 15.560,260 pessoas analfabetas na população de 15 anos e acima desta idade, perfazendo 14,7% do universo de 107.534.609 pessoas nessa faixa populacional.

Embora os dados sobre o analfabetismo sejam bastante significativos, a LDB³ n° 9.394/96 prevê que a educação de Jovens e Adultos se destina ‘aqueles que não tiveram acesso (ou não deram continuidade aos estudos) no ensino fundamental e médio, na faixa etária de 07 a 17 anos, e deve ser oferecidas em sistemas gratuitos de ensino, independente da idade, com oportunidades educacionais apropriadas, considerando as características, interesses, condições de vida e de trabalho do cidadão.

Nesse contexto surge o *Programa Alfabetização Solidária* no qual a alfabetização é vista como um processo que exige continuidade e sedimentação. Sendo constatada, no entanto a permanência de uma inconsistência teórica que vem contribuindo para que se tenha um grande índice de abandono e evasão. A forma como é trabalhado esse grupo que não é alvo original da instituição e que participam de ações estanques do governo e da

sociedade civil, embora o marco legal vigente assegure o direito universal a educação fundamental.

Na verdade os altos índices de abandono e evasão nas salas de aula de jovens e adultos refletem a falta de sintonia existente entre essas escolas e seus alunos, embora não possam ser desconsiderados, fatores de ordem socioeconômica que acabam por dificultar a dedicação dos alunos a seu projeto pessoal de envolvimento nos estudos.

Essas inquietações só vêm referendar que mais de um século após a instalação do sistema formal de educação brasileiro, continua-se carente de propostas teóricas consistentes. Em relação a EJA fica clara também a quase inexistência de atividades pedagógicas na modalidade se fazendo necessária à busca de alternativas que venham a contribuir e enriquecer o fazer pedagógico. Uma das críticas mais comuns ao trabalho com esta modalidade aponta para a infantilização presente no processo ensino-aprendizagem. Isso ocorre, dentre outros motivos, pela precária formação docente do alfabetizador e pelo não aproveitamento das experiências de vida dos educandos. Embora tenha se tornado comum afirmar-se que os jovens e adultos possuem conhecimentos, valores, juízos, leituras de mundo que antecedem ‘a experiência escolar.

Visando a superação desta lacuna, um princípio deveria nortear a prática docente, a abertura da escola para a vida e para o futuro, ou seja, o aproveitamento dos conteúdos oriundos das experiências como a matéria prima para a exploração dos conteúdos propriamente escolares. Para Paulo Freire é através da relação dialógica que o alfabetizador se compromete com a tarefa de ajudar o educando na construção da síntese entre o conhecimento sistematizado deste e o menos sistematizado do outro. A bagagem cultural, o domínio das práticas sociais e técnicas do trabalho, as aspirações e as expectativas são apenas alguns exemplos do que pode ser aproveitado e enriquecido no trabalho pedagógico. A sala de aula pode, a partir da exploração do potencial criador dos alunos estimular a auto estima dos mesmos, incentivando-os ‘a continuidade no processo de escolarização, valorizando seus saberes e oportunizando vivências concretas de produção e apropriação de conhecimentos. Agricultores, cortadores de cana, donas e casa, vaqueiros, pescadores, caçadores, pedreiros são alguns dos profissionais que circulam pelas salas de aula de EJA ‘a procura do acesso e domínio da leitura e da escrita. Vale salientar que uma das razões da

não exploração dos saberes próprios dos alunos jovem ou adulto é a postura quase sempre autoritária do professor. O espaço da sala de aula contempla quase que exclusivamente a fala dos mestres, impondo com isso um silêncio “ordeiro” considerado no passado das idéias pedagógicas como sinônimo de atenção e rendimento escolar. O jovem e o adulto como qualquer outro ser humano necessita do espaço da fala, da interação verbal, mais do que isso precisa exercer a livre expressão entendida como direito á fala, ao dialogo. A prática docente que contempla a livre expressão do aluno possibilita um melhor e mais rico conhecimento da classe, pois serão expostos pontos de vista, expectativas, dificuldades, aspirações, dentre as múltiplas formas que a comunicação humana pode articular. Isso só poderá favorecer a permanência e a aprendizagem do aluno, bem como a construção de um ambiente de respeito a ser explorado pedagogicamente.

Considerando as leituras realizadas em torno dos princípios e práticas de Paulo Freire e Célestin Freinet , como eixos teóricos, temos a proposta dialógica de educação de Paulo Freire, por ser este educador um marco na educação de jovens e adultos, ao considerar o aspecto cultural como sendo centro e princípio do processo educativo, em seu pensamento pedagógico, no período de 1959 a 1964, consolida esta proposição ao argumentar que a educação de adultos deveria partir do exame critico da realidade vivida. Nesta perspectiva, buscamos também suporte nos princípios e práticas da pedagogia Freinet, pela relação que existe entre suas idéias e as de Paulo Freire, no tocante a valorização do homem enquanto sujeito histórico ativo, construtor de conhecimento, dotado de oralidade e de suas múltiplas formas de comunicação. Freire e Freinet têm os seus trabalhos voltados para as classes populares, para o trabalho cooperativo, com uma visão diferenciada de escola. Para ambos a escola é vista como um espaço de interação onde os muros são colocados por terra e surgem as ligações com o mundo real.

Estamos desenvolvendo o projeto, **DE REPENTE EM REPENTE: Histórias da nossa gente** acerca da oralidade dos professores alfabetizadores como recurso durante o processo de aprendizagem deste sujeito que busca sua autonomia, a oralidade do educando adulto é rica em ensinamentos, cabendo ao alfabetizador aproveitar estes conhecimentos que os alfabetizados trazem para a sala de aula como meio facilitador da aprendizagem deste que chega ou retorna ao espaço escolar.

Dessa forma, a fim de desenvolver atividades com alfabetizadores, como parte de uma formação continuada, elegemos como referencial teórico as experiências e princípios de Paulo Freire e Celéstin Frinet.

Uma das atividades deste projeto foi uma oficina com os alfabetizadores, que objetivou o resgate de figuras da história local. Entre as manifestações culturais nordestinas escolhemos o repentista e sua arte oral como forma de expressão para o desenvolvimento deste trabalho, o repentista é encontrado nas feiras livres, nas praças e também nas salas de aula do PAS. Homem comum que em sua arte transforma a vida em versos. Segundo Porfírio, “Data do meado do século XIX o aparecimento dos primeiros cantadores de viola no Nordeste do Brasil. Contando-se hoje de dez a vinte mil violas neste rincão árido moído pelo sofrimento sem se contar com os que, em busca de melhores ares, emigraram para o Sul ou para o Norte e, lá, exercem outras profissões. E ainda os que aderiram a Literatura de Cordel e, escrevendo e vendendo nas feiras os seus produtos, adquirem a sua sobrevivência”. Alfabetizados ou não,

Alfabetizados ou não, eles se iniciam por um instinto ou fado, ficando por conta do meio em que atuam.

Durante esta oficina, estimulamos os professores a rememorarem os fatos históricos mais marcantes na constituição de sua cidade ou comunidade, pois alguns residem na parte rural do município. Após esta sensibilização, pedimos que organizem tais memórias num texto rimado que se aproxime da musicalidade e da estrutura do repente. Pedimos ainda aos professores que representem o repente através de música, além de registrarem os versos num livro confeccionado pelos mesmos. Os professores se sentem desafiados a realizar a atividade proposta, embora sejam conhecedores do típico repente nordestino, muitos se sentem incapazes de produzir um texto rimado sobre sua terra, alegam em primeiro lugar, que não há o que dizer, não há livros para consulta; julgam-se não talentosos para atividades que envolvam a criatividade. No entanto, através do trabalho cooperativo, entre os grupos, mediado pela professora formadora, livretos foram produzidos e musicados. Após as apresentações, pensamos durante o planejamento das aulas, em quais conteúdos procedimentais, atitudinais ou conceituais explorar, em suas salas de aula, a partir da atividade. Pois as atividades realizadas com os professores são incentivos para que estes

proporcionem momentos de aprendizagem significativos que resgatem os saberes dos educandos para o espaço da sala de aula.

Dentre as várias exigências dessa modalidade educativa, uma delas é a formação específica para o professor, pois o processo de aprendizagem adulto, tantas vezes equiparado à aprendizagem infantil, é distinto por ser constituído de outras variáveis. O educando adulto além de ser um sujeito de aprendizagem é ainda um sujeito trabalhador, alguém que foi excluído ou sem acesso ao sistema regular de ensino e principalmente, um sujeito cultural, tantas vezes ignorado e que por ser *sujeito* deve gerir junto com o professor mediador a construção de seu próprio conhecimento. Assim no processo formativo dos professores da EJA enfatizamos que o educando deve ser percebido em suas múltiplas dimensões. Alguns professores, a partir da própria inibição quanto a criar e expor sua criação ao grupo, denunciam o quanto a escola tradicional restringiu o instinto expressivo do ser humano e a prática formativa nos indicou que os professores tendem a reproduzir o modelo de escola na qual foram educados. Por fim, a ação formativa da UFRN preocupa-se não apenas com o ingresso desse adulto ou jovem em sala de aula, mas com a permanência e a qualidade do ensino de modo a corroborar para a efetivação da democratização do ensino.

Com a continuidade do desenvolvimento deste projeto com alfabetizadores do PAS, e conseqüentemente em suas salas de aula, pretendemos analisar suas possíveis influências na aprendizagem e permanência desses alunos em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELIAS, Marisa Del Cioppo (org). *Pedagogia Freinet: Teoria e prática*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

FREINET, Célestin. *Para uma escola do povo: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. *A educação do trabalho*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREIRE, Paulo. *Educação Como Prática de Liberdade*, 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

_____. *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997. – (Coleção Leituras).

PORFÍRIO, Alberto. *O Livro da Cantoria: Metodologia do Repente e do Cordel*. Fortaleza: CTS Impressão Gráfica. Sem data.

SANTOS, Maria Lúcia dos. *A expressão livre no aprendizado da Língua Portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1996.

¹ Educação de Jovens e Adultos

² Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

³ Lei de Diretrizes e Bases Nacionais de Educação